

CASSADOS E CAÇADOS: A POLIFONIA DE RODOLFO KONDER

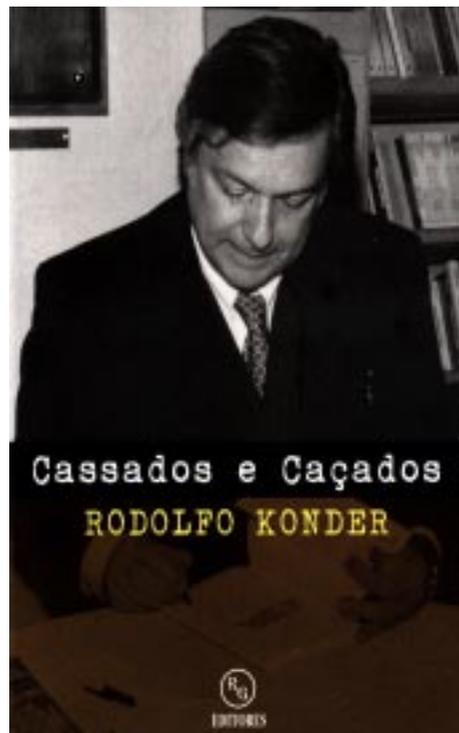
Beatriz Amaral

“... naquela esquina batida pelo Minuano, éramos apenas peças de uma trama de sonhos e agonias que desciam à deriva nas águas do rio em que – lembra Borges – Heráclito viu a nossa loucura”

(Rodolfo Konder)

Entre as rotas de seus dois exílios, na intersecção de lendas e mitos (re)visitados, e mapas de retorno, esculpem-se os relatos de “CASSADOS E CAÇADOS” (*), o recém-lançado livro de Rodolfo Konder. Os fragmentos da história em que o autor se inscreve alinham elementos de matéria biográfica que, filtrada por sua ótica reflexiva, sedimenta as estações da temporalidade. Do entrelaçamento entre jornalismo, história e literatura, emerge um vasto painel cultural de nosso tempo, compondo a análise do século vinte e do início do século vinte e um. Política e cultura, regimes de governo, liberdades públicas, democracia e arbitrariedade, autoritarismo, personagens e idiomas, nações e continentes. Na conjugação destes relevantes temas, acontece o texto de Konder, preciso e profético, incisivo e elegante, poético e inventivo. Transbordando a ética e a dignidade que sempre caracterizaram sua atuação profissional, literária, jornalística e pública.

Konder esteve à frente das mais importantes e dramáticas lutas travadas no Brasil, a partir dos anos sessenta, em prol das liberdades públicas, violentamente suprimidas naquela década, pelo retorno do país ao estado de direito, pela anistia aos que, como ele, - professores, intelectuais, jornalistas, deputados ou jovens estudantes – ousaram se opor à vertiginosa escalada da repressão e do arbítrio. No centro dos acontecimentos políticos, como dirigente sindical, depois repórter, jornalista dos principais veículos de comunicação, professor de jornalismo, presidente da Anistia Internacional – Seção Brasileira, sem-



pre lutou Rodolfo Konder, emprestando às batalhas a sua inesgotável energia de combatente, aliada à palavra precisa e à postura ética, lúcida e sensata.

As dificuldades em nada o abateram. Ao contrário, fortificaram-no, preparando-o para o futuro. A experiência nos dois exílios (o primeiro, entre 1964 e 1965, no México e no Uruguai, e o segundo, entre 1976 e 1978, no Canadá e nos Estados Unidos) foi bastante enriquecedora, levando-o a sempre comentar, em tom de *blague*, que deveria ter escrito uma carta aos generais, agradecendo pelos exílios em que se viu lançado. Aliás, a sutileza do título deste décimo-sexto livro de Rodolfo Konder é outra manifestação de seu delicado fio de humor, que percorre o belo conjunto de textos de “Cassados e Caçados”. Sensibilidade e reflexão permeiam os relatos, reunidos em duas partes, *A história* e *Viagens*, acompanhadas por um caderno de fotografias. A primeira parte traz relatos deste passado não tão distante (*às vezes, esquecido*

por muitos) e se abre com o anúncio do autor: “*Vou lhes contar uma história. É uma história marcada pela aventura, às vezes dramática*”. Seguem-se relatos ligados ao período da ditadura militar, tais como *Na costa do Pacífico*, *O rio da nossa loucura*, *O primeiro regresso*, *A inquisição*, *Tristezas de Gelo*, *Rastros na Neve*, *O som das espadas*, *O segundo regresso*. As fugas do autor e de muitos de seus amigos e companheiros são narradas em detalhes, num texto fluente, enriquecido pela linguagem metafórica, e que rouba a atenção do leitor. Escreve Rodolfo: “*A fuga é uma voregem, um mergulho angustiado em águas turvas*”. A coragem é sua aliada. Está presente nos passos do ator político e intelectual dos anos sessenta, setenta e oitenta. E permanece presente nas centenas de relatos, entrevistas, crônicas, artigos que lhe são cotidianamente solicitados, há quase três décadas.

Na segunda parte do livro, *Viagens*, estão reunidos textos como *A magia de Estocolmo*, *Acá no se habla inglés*, *Missão na Guatemala*, *No outono de Sussex*, *O luar sobre Jerusalém*, *A caixa vermelha de Pandora*, *Uma cultura planetária, entre outros*. A partir das experiências particulares, circunstanciais ou históricas, Konder alicerça a maturidade do olhar, voltado para os temas universais, especialmente para a liberdade plena de que o futuro faz promessa.

A carreira literária, iniciada no primeiro exílio, tem-lhe rendido consistentes frutos. Singularidade, linguagem de alto teor metafórico, voz e ritmo delineiam o escritor a quem foi conferido, pela Câmara Brasileira do Livro, no ano de 2001, o *Prêmio Jabuti*, por *Hóspede da solidão*. Os acontecimentos políticos e os pessoais também trazem o subtexto, em que a atividade reflexiva do autor é pontilhada e sublinhada pela própria literatura. Em “*O*

som das espadas”, ao se recordar de um encontro, em Nova York, com Doutel de Andrade, Leonel Brizola e outros, rememorando a melancolia do período (seu segundo exílio, segunda metade da década de setenta), alude a Ezra Pound, ao comentar que, naqueles tempos, somente ouvia “*o som das espadas às espadas se opondo*”. Em *O luar sobre Jerusalém*, contemplando a luminosidade mágica que se abre para seus olhos, em meio à emoção atávica que lhe parece emanar de sua ancestralidade, invoca Jorge Luiz Borges: “*Somos nossa memória*”. E os fios da memória se entrelaçam pelos roteiros de idas e vindas, pela mobilidade dos acontecimentos. As reflexões, conquanto poéticas, se inserem nos teares do pensamento sociológico e, por vezes, filosófico que se desenha no destino de todo grande escritor.

Importante registrar, ainda, que a literariedade do texto de Konder encontra eco no belo projeto gráfico da RG Editores, em que se vislumbram procedimentos de montagem cinematográfica. O contraste entre os tons cromáticos e a justaposição dos relatos, remete ao genial Sergei Eisenstein, e à valorização do conteúdo dinâmico dos planos, na filmagem, a alternância entre movimentos rápidos e lentos, ascendentes e descendentes. Em *Cassados e Caçados*, Rodolfo Konder fotografa e filma cenas da realidade próxima ou distante, que, como num mosaico de pluralidade, sugere a polifonia de nosso tempo. Sincrônico olhar. Como a “*montagem polifônica*” de Eisenstein, os textos de Konder combinam e estruturam vozes de timbres diversos, todas destinadas a entoar, *ad infinitum*, com precisão e beleza, temas de liberdade.

* *Cassados e Caçados*, RG Editores, São Paulo, 2007, R\$29,00.

Beatriz Amaral é poeta e mestre em literatura e crítica literária.

A CULTURA PAGARÁ DÍZIMO PARA AS IGREJAS

O Projeto de Lei que propõe usar recursos da Cultura – da *Lei Rouanet* - para a manutenção e reforma de templos, proposto pelo senador Marcelo Crivella (PRB-RJ), que é ligado à Igreja Universal, está para ser votado no Congresso. O projeto foi aprovado pela Comissão de Educação do Senado, em abril. O Ministério da Cultura é contra o projeto.

A Cultura foi salva por um requerimento do senador Tasso Jereissati (CE), presidente do PSDB, que atrasou a tramitação da matéria e fez com que ela voltasse para a Comissão de Assuntos Econômicos e Comissão de Constituição e Justiça.

Um abaixo-assinado, que reuniu 25 mil assinaturas contrárias à proposta do senador, foi assinado por escritores, produtores culturais, artistas, entre outros.

A *Lei Mendonça*, da Prefeitura Municipal de São Paulo, que beneficia projetos culturais sofreu uma redução de 87% dos seus recursos, em 2006, em comparação aos valores utilizados em 2003. Depois veio o golpe com a utilização de recursos da *Lei Rouanet* para os esportes. E agora dividir os poucos recursos da Cultura com os templos religiosos?

A *Lei Rouanet* já beneficia os projetos culturais religiosos. Todos os interessados têm direito de inscrever projetos na Lei. Não vamos questionar isso para não fugir da nossa pauta.

Muitos cinemas e teatros se transformaram em templos, a nossa história esquecida entre os fiéis. Perder espaços culturais para templos de cultos religiosos é difícil de aceitar, mas pagar para sustentá-los é inadmissível.

Não podemos permitir que a Cultura pague díizimo para as igrejas.

O Estado Teocrático acabou com o fim do Império - direito assegurado pela Constituição. Violar esse direito é inconstitucional.

A Máscara do Tempo

Nildo Carlos Oliveira

Levado pela sucessão de escândalos, uma rotina quase monótona em vários escalões da República, volto-me para a obra *A máscara do tempo – visões da era global* – desse extraordinário escritor e jornalista Moacir Werneck de Castro. É a reunião de artigos e crônicas, pinçados em meio a uma soma de cerca de trezentos textos que originalmente ele publicou no *Jornal do Brasil*, ao longo de seis anos, depois de 1989, ano em que o Muro de Berlim veio abaixo. O livro, edição da *Civilização Brasileira* (1996), com 294 páginas, foi dedicado *in memoriam* a Ênio Silveira, Otto Lara Resende, Rubem Braga e Thereza Cesário Alvim, dividido, para efeito de organização temática, em quatro partes: *Vivências e perfis*, *Visões da história*, *Tempos e costumes* e o *Brasil que nos cabe*.

Moacir, conquanto não careça de quaisquer apresentações, é autor acostumado à luta política e ao enfrentamento dos contrastes das idéias, destacando-se com livros importantes para o conhecimento do Brasil e de outras terras, sobretudo para o conhecimento do homem e da miséria ou grandeza de suas limitações. Notável tradutor, trouxe para nós, em 1945, pela antiga Editora Globo, o volume *Aquela rua em Paris*, obra em que o escritor norte-americano Elliot Paul examina os efeitos posteriores da I Guerra Mundial e os efeitos precedentes da II Guerra Mundial, a partir da vivência em um bairro de Paris, particularmente na Rue du Chat Qui Pêche.

A indução ao volume *A máscara do tempo* não foi aleatória nem saudosista. Traduziu, talvez, a necessidade de buscar, em outros tempos e em outra fonte, uma explicação para a iniquidade dos atos que vão sedimentando essa escalada da falta de vergonha nacional. Ative-me em especial aos blocos em que o autor trata de *Tempos e Costumes* e *O Brasil que nos cabe*.

No primeiro caso, no artigo *O Rio desfigurado*, ele focaliza um momento, na história carioca, em que a “cidade não esmagava a essência humana e não gerava incessantemente, como hoje, uma franja de neuróticos, alucinados e delinquentes ativos ou em potencial”. Nesse período, a maioria do povo ainda nutria esperanças, sonhando com as

melhorias que seriam proporcionadas por uma ascensão social dentro dos quadros institucionais vigentes.

Mas vieram as mudanças. A especulação imobiliária desfigurou a fisionomia urbana e o capitalismo passou a abusar de todas as armas selvagens de seu arsenal. O resultado foi a contrapartida da violência. E, na cidade de hoje, é raro encontrar, em especial nos bairros pobres, um lugar onde a vida valha mais do que um real furado. Já na crônica *De colunas e colunáveis*, ele lembra a célebre reportagem de Joel Silveira sobre os grã-finos paulistas, destacando um comentário de Di Cavalcante sobre a alteração do perfil das grandes famílias: “O avô abria fronteiras, o pai abria fábricas e o neto abre garrafas”.

É, no entanto, no segundo bloco, no trabalho *Pequena antologia do escândalo*, que encontro similitudes com as ocorrências recentes no País. Moacir Werneck começou a fazer o seu levantamento recorrendo a fatos de um passado distante, sumariando as diversas faces de um problema que, entre nós, adquiriu diversas denominações para uma mesma falta de vergonha: suborno, jabaculê, tráfico de influência, corrupção ativa e passiva, enriquecimento ilícito, fraude fiscal e outros gêneros de maracutaias. Pena é que o levantamento haja parado na era Collor. Contudo, mesmo que a pesquisa do jornalista prosseguisse, e viesse a incorporar os atos de corrupção que pipocaram no País de 1991 até hoje, ela continuaria inconclusa. É que os escândalos se reproduzem, numa multiplicidade sem fim, com bois ou contracheques.

A propósito, em um esforço para analisar a origem desses “usos e costumes”, deixo o ótimo livro de Moacir Werneck e vou ao *Esau e Jacó*, do Bruxo de todos os tempos. E lá encontro, no capítulo XL – *Recuerdos* – a seguinte passagem:

- Que rumor é este, Carmen? – perguntou ele entre duas carícias.
- Não se assuste, amigo meu: é o governo que cai.
- Mas eu ouço aclamações...
- Então é o governo que sobe. Amanhã é tempo de ir cumprimentá-lo.

Nildo Carlos Oliveira é escritor e jornalista.

CUPOM DE ASSINATURA

Nome: _____
Endereço: _____
Cidade: _____ Estado: _____
Bairro: _____ CEP: _____
E-mail: _____ ☐ : _____

Assinatura Anual: R\$ 42,00 - Semestral: R\$ 21,00

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 -

São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 6693-0392

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Linguagem Viva

Periodicidade: mensal - **Site:** www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 6693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – **CCM:** 96954744 – **I.E.:** 113.273.517.110

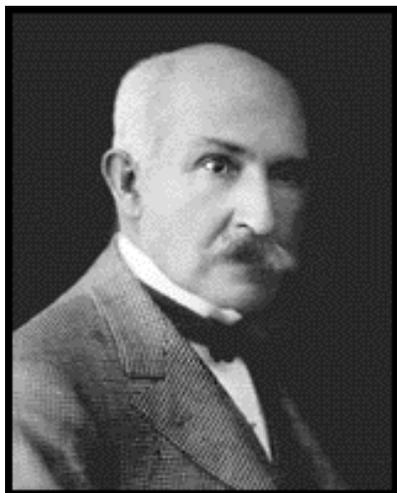
Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana* - R Tiradentes, 647
- Piracicaba – SP – 13400-760

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

Alberto de Oliveira, Sesquicentenário

Caio Porfírio Carneiro



Alberto de Oliveira

Este ano se comemora o sesquicentenário de nascimento e septuagésimo de falecimento do poeta Alberto de Oliveira, tido como um dos integrantes da tríade mais representativa do parnasianismo brasileiro, que se completa com Olavo Bilac e Raimundo Correia. Foi, dos três, o mais ortodoxo da famosa escola literária no Brasil, surgida na França em 1866 numa coletânea de poetas, intitulada **Le Parnasse Contemporain**. De forma e métrica impecáveis, acabou por ser laureado, no final da vida, “príncipe dos poetas brasileiros.”

Compulsando a sua vasta obra e nomes de estudiosos que nela se debruçaram, vê-se bem que Sílvio Romero, crítico cáustico, bem diferente de José Veríssimo, observador de mais fino trato, se elogia a obra do poeta, dá-lhe a contra-partida, assinalando que, dos papas parnasianos, “é o mais frio, o que mais descobre o esforço, o **parti-pris** de fazer bonito e, por mais que o queiramos esconder, é impossível negar uma tal ou qual afetação que sai de algumas de suas páginas,” e que ele é “o parnasiano em regra, extremado, completo, radical.” Preciosidades que veriam em detrimento de várias de suas criações. Verdade é que se se levar a apreciação crítica a extremos, ninguém escapa, nem Bilac e nem Correia, e ninguém de qualquer vertente artística, do tempo das cavernas aos nossos dias.

Sua ortodoxia levou a tropeços, sem dúvida, o seu inegável talento. Se, tomando-se ao acaso **A Vingança da Porta**, eis que é soneto por demais conhecido, descobre-se a quase pieguice no segundo terceto - “...Nisso nos gonzos range a velha porta, / Ri-se, encanta-se. E ele vê

na sala / A mulher como doida e a filha morta,” é só sobrepor-se a isto o primeiro quarteto de **Horas Mortas** para se descobrir a beleza criadora do poeta: “Breve momento após comprido dia / De incômodos, de penas, de cansaço / Inda o corpo a sentir quebrado e lasso, / Posso a ti me entregar, doce Poesia.” Assim, sem procurar lêndeadas, descobre-se com facilidade, de fato, que dos poetas que chegaram ao píncaro do parnasianismo brasileiro foi Alberto de Oliveira, para além da sua perfeita forma, o mais irregular em beleza criadora, mas que, apesar disto, ninguém o desce do pedestal que alcançou.

O poeta, porém, não permaneceria sempre “pétreo” assim. O aprimoramento e evolução estético é natural em qualquer artista, ao correr dos anos e da vida. E Alberto de Oliveira não ficaria impune. Tal como afirma Sânzio de Azevedo em **O Parnasianismo na Poesia Brasileira**, o mais completo e brilhante estudo do nosso parnasianismo: “Poucos têm acesso à obra completa de Alberto de Oliveira, daí se repetirem pelos tempos afora as mesmas afirmações a respeito da suposta impassibilidade do poeta, considerado também sem muita originalidade.” Sânzio fez uma análise completa, justa, honesta e notável da obra do poeta, em seus espelhos e contra-espelhos.

Antônio Mariano Alberto de Oliveira nasceu no Estado do Rio. Formou-se em farmácia e cursou medicina até o terceiro ano. Exerceu vários cargos públicos. Foi professor de Português, Literatura e História. Deixou uma vasta obra. Sócio-fundador da Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 1937, aos oitenta anos de idade.

Firmou-se como um dos mais importantes nomes do parnasianismo brasileiro, essa escola literária que deixou o seu rastro luminoso e singular e, particularmente pela sonoridade das rimas e os “fechos de ouro” nos sonetos, arrastou na cauda do seu cometa mais de uma geração de jovens para o gosto pela poesia, e que, depois, acompanharam os sopros dos novos caminhos.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e secretário administrativo da União Brasileira de Escritores.

EMANUEL MEDEIROS VIEIRA

Carlos Jorge Appel

Ainda que venha escrevendo poemas nos últimos anos, e com excelentes resultados, já se faz longa, persistente e importante a trajetória do ficcionista Emanuel Medeiros Vieira.

Catarinense de Florianópolis, onde nasceu em 31 de março de 1945, década prodigiosa, em que começavam a despontar Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa, Emanuel veio dar com os costados em Porto Alegre, para realizar sua educação universitária.

Ali participou da geração de 60, que pretendeu mudar o mundo através de uma revolução contínua. Participou de modo intenso em grêmios estudantis, cineclubes (foi crítico cinematográfico) e da política efervescente da época. Foi nesse tempo de mudanças radicais que o conheci pessoalmente e tive a alegria de publicar, pela Movimento, dois livros de contos seus que são frutos do imaginário e dos anseios da geração de 1960: *A expiação de Jeruza* (1972) e *Sexo, tristeza & flores* (1976). Antes disso, Emanuel já havia participado de uma antologia de contos, *Roda de fogo* (1972), também editada pela Movimento, ao lado de Moacyr Scliar, Caio F. Abreu, João Gilberto Noll e Josué Guimarães, entre outros.

O golpe de estado de 1964 dispersou essa geração mundo afora. Emanuel transitou, nas décadas de 70 a 90, entre São Paulo, Florianópolis e Brasília, onde acabou se fixando e trabalhando na Câmara dos Deputados.

Sempre nos reencontramos, em Porto Alegre, Florianópolis, Blumenau e Brasília, em simpósios ou para colocar a conversa em dia, mas a paixão continua, hoje como ontem, voltada para os livros e para os amigos comuns. Emanuel nunca perdeu o foco. A conversa sobre os rumos do país entra, cada vez mais, de contrabando e não tem mais a mesma relevância.

A fortuna crítica sobre as quatorze ou quinze obras de Emanuel Medeiros Vieira tem crescido com o tempo e tem dado um testemunho do seu domínio incomum da linguagem, “com o cheiro da vida, o que é muito importante”, na apreciação do seu contemporâneo de geração Caio F. Abreu. Também escreveram sobre ele Salim Miguel, Marcílio Farias, Ronaldo Cagiano, assim como Joilson Portocalvo (“Emanuel Medeiros Vieira comemora a vida mesmo quando fala da morte”) ou Herculano de Farias, ao afirmar que Emanuel Medeiros Vieira “recaptura, a cada página, o essencial da existência”.

Antônio Olinto, em *O Globo* (1974) preconizava: “É um narrador que dispõe de tudo para ir muito longe”. Trinta anos depois, a promessa se torna realidade. Emanuel transformou o dia-a-dia, a nossa complexa realidade, em símbolo de uma época. E tem muito, ainda, para nos dizer e encantar com as suas histórias e poemas.

Carlos Jorge Appel é escritor e crítico literário.



VipWork Agência e Editora

Fone / Fax (11) 6291.4284

vipwork@vipwork.com.br

Soluções inteligentes para o SEU negócio .

<p>Consultoria:</p> <ul style="list-style-type: none"> - RH; - Comunicação Empresarial; - Planejamento Estratégico; - Análise de Clima; - entre outros. 	<p>Editora:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identidade Visual (logo, cartão de visita, envelope, timbrado, adesivo, banner); - Comunicação Interna/ Externa (revista, jornal, folder, catálogo); - Embalagens/ Brindes; - Livros. 	<p>Web:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sites; - Newsletters/ E-mail Marketing; - Loja Virtual.
---	---	--

PLATERO E EU

Ely Vieitez Lisboa



No início da década de 60, conheci Platero e Eu, um livrinho belíssimo; o diminutivo é porque sua primeira edição (1953), no Brasil, foi feita em “livro de pocho”. Encantei-me com a prosa poética de Juan Ramón Jiménez, poeta espanhol nascido em Moguer, na Andaluzia. São verdadeiras vinhetas nas quais ele apresenta reflexões, paisagens e costumes andaluzes. A personagem central, ao redor de quem tudo se cria, é Platero, um burrinho, “pequeno, peludo e macio – tão macio que parece não ter ossos e ser feito de algodão. Só os espelhos de azeviche de seus olhos são duros como dois escaravinhos de cristal negro”. Feito de “aço e de luar, ao mesmo tempo”.

O lirismo puro, a delicadeza, a sinestesia das descrições, tudo me encantou tanto, que fiz do livro um fiel da balança. Comprei uns cinquenta exemplares. Quando conhecia alguém que eu julgava poético e sensível, presenteava-o com um Platero. Não foi surpresa, no entanto, o teor poético, a cadência da prosa, até com ritmo, a profundidade das reflexões, a sensibilidade rara do autor, dos capítulos mais doces e tocantes, a cosmovisão

humanística, excelsa. Eu já conhecia o poeta. Ganhara, antes, em Madri, um volume precioso da coleção Aguilar, do Prêmio Nobel 1956, uma coletânea dos mais belos poemas da obra de Juan Ramón Jiménez. Textos curtos, de grande beleza, como:

No le toques ya más,
que así es la rosa!

Ou: Al amanecer
El mundo me besa
Em tu boca, mujer.

Dia 16 de junho deste ano foi veiculada na Internet, uma matéria da BBC Brasil: “Ordem religiosa protesta contra a publicação de obra esquecida de Nobel 1956”. A razão da polêmica é que alguns dos 25 poemas inéditos de Jiménez teriam referências a relações amorosas com freiras. Ora, realmente, o poeta mudou-se muitas vezes, por causas várias, viveu em Moguer, Puerto de Santa Maria, Sevilha, Madri, França, Estados Unidos (Nova York, Flórida, Washington, Maryland), Porto Rico, Cuba, Argentina, indo e vindo, recomeçando sempre, doente, passando grande parte de seus dias em sanatórios. O que interessa, no entanto, é sua grandeza como poeta, sua obra, os grandes nomes da literatura espanhola que o admiravam e o consideravam como seu mestre. Reverenciado como uma dos mais famosos poetas espanhóis de seu tempo, o Nobel que recebeu em 1956, dias antes de morrer, foi um prêmio justo, um reconhecimento internacional.

Sempre é algo leviano, quando aparecem polêmicas deste tipo, geralmente póstumas e fortuitas,

para não dizer inoportunas e inconvenientes, como a que surgiu após alguns anos depois da morte de Carlos Drummond de Andrade. A do nosso Mago de Itabira principiou com a revelação de sua amante e após, recrudescer ao ser publicado seu livro “Amor Natural”, tachado de exageradamente erótico. Essas celeumas imprudentes, alicerçadas em falso moralismo, não têm valor algum e nem arrancam a grandeza da obra do autor. Como diz Juan Ramón Jiménez: “Creo que al artista, em general, sólo hay que buscarlo em su obra”. Enfatize-se algo mais grave. Misturar, estabelecer limites exatos entre a ficção e a realidade, no que o autor escreve, é inexperiência de quem não conhece literatura. São apenas supostas afirmações, pretensas verdades. Polêmica sobre a moralidade de um poeta ou de um escritor é chafurdar no lamaçal das hipóteses prováveis, puro mau gosto, ignorância, falácia. Seu legado é sua obra.

Em um mundo tão complexo, quando já se sabe que até a História, biografias, nada pode ser comprovadamente verdade, mas sempre meras interpretações dos fatos, por que a mídia e a Internet continuam a explorar tais assuntos? Necrofilia, perda de tempo ou vezo escuso?

Ely Vieitez Lisboa é escritora.
E-mail: elyvieitez@uol.com.br

DE CORPO E VERDE

Rosani Abou Adal

Incendeie minha floresta
de cabelos negros
Reproduza paisagens e
ideogramas
em meu deserto purpúreo
Plante uma flor na mãe-do-corpo
Molhe minha mata
com lágrimas lubrificantes
Faça a colheita
e germine frutos
Envolve de verde
todo o meu o corpo e floresta
adentro

Escreverei um poema
em tua tez
Minha língua esferográfica
digitará a primeira palavra
em teu órgão auditivo
Um soneto nascerá em teu
abdome
Vírgulas reticências
e pontos de interrogação
serão traçados em teu jardim
Um ponto de exclamação
pousará suavemente
em tua selva
- O verde e corpo
emoldurarão o poema
e a paisagem

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista, publicitária e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão.

Indicador Profissional



Advogado

Genésio Pereira Filho

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - Cjs. 62/64 -
São Paulo - SP - 01318-903 Tel.: (11) 3107-7589



**Especializada em
importação direta de
livros portugueses.**

**Livros de todas as áreas de editoras portuguesas,
Cds, artesanato e galeria de arte.**

**Desconto de 10% para advogados, juristas,
professores e estudantes.**

Prazo de entrega: 15 dias.

Aceitamos encomendas de livros de editoras nacionais.
Galeria Louvre, loja 20 - Av São Luis, 192 - Centro - São Paulo -SP
E-mail: livrariacoimbra.pt@ig.com.br
Tel.: (11) 3120-5820 – Telefax: 3258-9105

Um Canteiro de Margaridas

Maria Lúcia Silveira Rangel

Djanira Pio lança agora “UM Canteiro de Margaridas”, o fecho (quem sabe?) de “A Cidade dos Sonhos”.

Começamos pelos títulos: Em “A Cidade dos Sonhos” temos: “Contam que nela nascem os sonhos primeiros de cada ser que desponta e que vai se desenvolvendo juntamente com o ser que os carrega. Quando se avolumam em demasia, esse sonhador precisa de lugares mais amplos para continuar seu desenvolvimento natural. Então “A Cidade dos Sonhos” começa a representar apenas uma cidade de sonhos... p. 13

Em “Um Canteiro de Margaridas” temos:

“...Estuda aquela terra, aquele espaço perdido de terra lisa e infértil onde deverá formar um canteiro de flores, um canteiro de margaridas.” P.6

Djanira deixa muitas coisas nas entrelinhas.

Mas os leitores, envolvidos na trama, podem, segundo sua sensibilidade, deduzir ao seu modo.

Sonhos – capacidade humana que vai além de sua possibilidade. Acontece na juventude que tudo permite.

Por sua vez, o canteiro de margaridas, cercado, pode simbolizar a última morada, fechando o ciclo da vida humana: juventude, maturidade e morte. Em “A Cidade dos Sonhos” os personagens são retratados em sua mocidade e maturidade. Em “UM Canteiro de Margaridas” temos os mesmos personagens retratados próximos da velhice, ou da terceira idade, como se diz eufemicamente.

Embora a autora faça referência ao tempo do plantio e da floração das margaridas, para situar os momentos em que decorre a narrativa, com mergulhos no passado, permanece a sugestão de um estreitamento: cidade ampla e canteiro cercado. Ou a casa de idosos possa também representar a derradeira morada.

“Germana acompanha com olhos incrédulos o borrão escuro do carro que segue seu caminho. Continua olhando mesmo quando já não pode mais ver, quando todas as coisas se misturam. Permanece ali e Vânia já é uma lembrança, como tantas que ficaram em sua terra de Goiás.” P. 66 “Um Canteiro de Margaridas”.

“Um Canteiro de Margaridas” começa com uma personagem, Germana, que é trazida para um lar de terceira idade. Através de seu conhecimento com Vânia, que ali também reside e pela qual sente simpatia, esta reaparece, às voltas com as lembranças de seu passado: as lutas para conseguir um diploma de

professora, devido a precária situação econômica da família. Recordase de Vicente, seu primeiro amor, de seu namorado e depois marido, de seu casamento insosso, do qual nasceram três filhos que vivem sem preocupações, pois a mãe pode pagar sua manutenção, com o salário de professora aposentada.

Pela primeira vez são citadas outras colegas e amigas: Aspásia que se casou com Marcos, mas nunca esqueceu Joubert, seu primeiro amor. Raquel, que apesar do casamento disparatado com um caminhoneiro vive feliz. Susana também é mencionada, mas ninguém sabe de seus rumos. Aliás, ela permanecerá ausente durante toda a narrativa. Julgamos que seja um gancho para a continuação de um terceiro romance..

Um telefonema de Cíntia traz à mente de Vânia a volta de Vicente que ela havia amado outrora e que se mudara de cidade. Lembra-se de seu incipiente namoro com ele, já na maturidade, e de sua renúncia, pois morando com Cíntia, por causa das dificuldades financeiras, não achou sensato abandonar a amiga.

Cíntia, no entanto, entusiasma-se ante a desistência de Vânia, resolve relacionar-se com Vicente. Mais tarde veremos os acontecimentos gerados por esse fato.

Aspásia nos é apresentada como uma mulher ainda bela, apesar do tempo decorrido, que sofre uma decepção ao encontrar-se com Joubert que se nega a manter uma ligação, pois está casado e não o atrai uma experiência de viver o passado já esquecido.

“Suas lágrimas secaram e ela ergueu a cabeça e pôs os ombros para a frente. Bem, então era isso, era assim. As mulheres sofrem mais? Não sofrerei mais. É preciso sorver do vinho amargo e gostar. Se a vida é isso, é assim, as possíveis mudanças estão dentro de nós, porque a vida é mesmo um vinho amargo. Acostumamos e gostamos. Sorverei o trago tão necessário desse vinho amargo.” P. 23, “Um Canteiro de Margaridas”.

Fala-se de Susana: Germana informa que foi ela quem conseguiu colocá-la na instituição. Germana descreve Susana, mas nada de muito concreto de sua menção à Susana.

A presença de Susana através de Germana, sugere um mistério – seria a mesma pessoa?

A frustração de Aspásia aumenta com o tempo e ela não sente vontade de viver – seu gesto de quebrar o espelho é simbólico- Talvez ela tenha compreendido que o mal provinha dela mesma, de sua incapacidade para vencer os problemas, pois no patamar da velhice está com as mãos e o coração vazios: não aceitou o que a vida lhe ofereceu em busca do que nunca conseguiu.

Seus pensamentos a aproximam das heroínas de Tolstói, Ana Karênina, e de Flaubert, Ema Borary, que também não aceitaram o que a vida lhes propunha, atrás de um ideal equívoco.

“Parto em busca de sonhos, que por aqui não tem, deve ser pela gravidade terrestre. Preciso de fantasias e divagações que me tirem de limites racionais e tornem possível a saída triunfal dessa redoma.” P.56, “Um Canteiro de Margaridas.”

Essa viagem, uma verdadeira fuga de si mesma, parece idealizada, sem foros de realidade. Seu monólogo é de uma rara beleza e deixa em aberto se o que ela vive é real ou não. Comovente, pois trata de pessoas que não souberam nem aceitaram o que a vida lhes ofereceu. Seu destino a aproxima do improvável homem que carrega o mundo nas costas como Atlas.

Eis-nos quase no final do romance.

A impressão que nos deixa é a de uma obra contada de dentro para fora, onde o imo do ser transcende a realidade aparente, sendo esta apenas um desfolhar de dias imprevisíveis.

No último capítulo Vânia parte; volta a viver com Cíntia que se separou de Vicente. Novamente se apresenta a insinuação de uma ligação homossexual, não declarada, apenas sugerida..

Nos erros e acertos se resumem as vidas dos personagens, soma-se o desencanto de Vânia, o de Aspásia e o de Germana ante a imperfeição que rege a vida humana, sem transmitir-lhe finalidade ou valor. Apenas um ciclo repetitivo.

Eis o que pudemos colher no Canteiro de Margaridas de Djanira Pio.

“A conclusão que tiro é que a vida e a morte são heterogêneas, e que a vida não se pode tomar como um objeto de arte, música ou poema, como insinua o filósofo que diz que o homem é uma existência para a morte. Se a nossa vida fosse um poema, a morte seria o termo. Se fosse dança, o último passo do exausto dançarino mereceria o aplauso das galerias angélicas. Se alguma coisa tende impetuosamente para um termo é a arte....

Por que não posso trazer para a vida essa idéia, sem logo chegar ao absurdo, ao heterogêneo, ao ridículo? Por que na vida, esse despotismo do acidental? “Gustavo Corção. “Lições de Abismo”, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1952 p. 70.

Esse belo romance de Djanira Pio, tão profundo que mais de uma leitura para conseguirmos entrar em sua trama, aparentemente fácil de ser entendida, mas na verdade carregada de um simbolismo profundo e que pode ser apreendido no que não foi mencionado, mas está presente.

Corção, Gustavo. *Lições de Abismo*. Rio de Janeiro, Livraria Agir, 1952. Flaubert, Gustave. *Madame Bovary*. R.J. Biblioteca Universal Popular, 1965. Pio, Djanira. *A Cidade dos Sonhos*. Itapetininga, SP, Via Sette Editorial. 2004. Pio, Djanira. *Um Canteiro de Margaridas*. Piracicaba, SP, Editora Degaspari, 2006. Tolstói, Leão. *Ana Karênina*. RJ Abril Cultural, 1971.

Maria Lúcia Silveira Rangel é escritora e crítica literária.



www.vipworkcultural.com.br

VIPWORK Cultural

Estas e muitas outras obras!

Acesse nossa loja virtual segura

www.vipworkcultural.com.br

A Ruptura Teológica em prol da Palavra Jesuana

Uma análise do Grupo Granja sobre o livro *TRAIÇÃO DE SÃO PAULO*, do português MANUEL REIS.



O ano 2007 fica marcado na Filosofia pelo livro “Traição de São Paulo”, lançado na cidade de Braga, em Portugal, depois da publicação do mesmo texto sob o título “Despaulinizar O Novo Testamento sob o Signo do Jesuanismo”, em São Paulo, no Brasil. O livro é a síntese da obra lítero-filosófica do português Manuel Reis, que preside o Centro de Estudo do Humanismo Crítico [CEHC], em Guimarães. E é, também, a bandeira desfraldada corajosamente na ruptura teológica com o Vaticano em prol da Palavra Jesuana, na verdade, a base do vero Cristianismo que Saulo/Paulo traiu para criar, com Pedro, uma Igreja que se sustenta, até hoje, dogmaticamente e significativamente, entre os pilares do Império romano.

Ao apresentar o livro em Braga, o prof. M. Branco de Matos, disse o seguinte: “Foi primeiramente editada no Brasil pela Edicon e sob a responsabilidade do *Grupo Granja e Centro de Estudos do Humanismo Crítico*, e é assim intitulada – **Despaulinizar o Novo Testamento sob o Signo do Jesuanismo**. Em Portugal, a edição tem título mais enxuto, por assim dizer mais descarado e disfémico – **Traição de São Paulo**, com subtítulo idêntico ao título da edição brasileira. Leia-se esta obra de Manuel Reis e veja-se claramente como tem razão o Autor

ao falar de traição e distorção das duas mensagens mais puras que a humanidade conheceu: a *mensagem de Sócrates*, traída, segundo Manuel Reis pelo seu discípulo Platão; a *mensagem de Jesus*, traída, segundo Manuel Reis, pelo apóstolo Paulo. Toda a vastíssima **obra de Manuel Reis** anda à roda de três tópicos ou três pares de asserções que se repetem e se vão desenvolvendo como *um eco que aumenta de ressonância* de montanha em montanha, quer dizer, em cada livro novo que aparece. O livro que mais se aproxima e melhor nos prepara para a leitura deste – *A Traição de São Paulo* – é aquele denominado **Sócrates e Jesus: Esses Descobertos (As duas revoluções Gêmeas)**. Obviamente, o autor de “Fábulas de Fedro em Forma de Sonetos” [1] estava à vontade para falar sobre o assunto, primeiro porque lhe é familiar, segundo, pela proximidade cultural e social que mantém com Manuel Reis.

E quando ele falou de “asserções que se repetem e se vão desenvolvendo como *um eco que aumenta de ressonância* de montanha em montanha”, falou do “princípio didático-pedagógico que embasa toda Obra literária do mestre e filósofo Reis: há mais de meio século que Reis cultiva uma faculdade aberta à percepção do Todo humano e por ela vive, batalha, porque nessa Lição está o ato libertário socrático-jesuano, que também se espelhou em Agostinho da Silva, e, antes, em António Vieira”, como observou o poeta J. C. Macedo [2].

Já na nossa análise para as orlas do livro [3], a prof^a Rosemary O’Connor disse que “este trabalho literário de Manuel Reis é um momento e é um monumento filosófico que vai levar as pessoas, em Consciência, a refletirem sobre o que é e para que serve uma Igreja que não resiste ao apelo do Poder imperial e absolutista”, e agora, a também prof^a e psicóloga Elen R. Cédron segue o ritmo ao afirmar: “Há no universo filosófico do Prof. Reis a angústia do revolucionário cultural, i.e., os caminhos estão na sua frente intelectual, mas as outras pessoas teimam em

não enxergar a realidade que levou Sócrates e Jesus para o limiar do estar-físico, e essa realidade, como João Barcellos já anotou diversas vezes, está na defesa da diversidade humana em todos os setores da sua atividade... mas, a maioria ainda parece preferir estar no rebanho a ser Pessoa humana dignamente liberta. Por isso, este livro de Manuel Reis não trata somente da traição de Paulo e de Pedro, trata da Humanidade e do sentido anti-social que ela vive e revive sem se dar conta da salvação que ela mesma contém. É, por isso, um livro-referência: uma Obra-Prima!”

Voltamos ao prof. M. Branco de Matos, que nos diz quem é o filósofo e mestre Reis: “O subversivo, pelo contrário, é apenas um cidadão lúcido, sensível aos problemas humanos e dotado de espírito crítico saudável e atento. É subversivo quem tem alma de subversivo, não é capaz de se ver como sujeito dominador, mas também não suporta ser tratado como objeto, escravo ou explorado”. Mais uma vez, o professor e escritor quis e tratou da alma revolucionária de Reis. A identificação subversiva de Manuel Reis com os atos subversivos de Sócrates e de Jesus fala por si mesma. E é por esta razão que reafirmamos ser “Despaulinizar O Novo Testamento Sob O Signo Do Jesuanismo” [Brasil e América Lati-

na], ou, “Traição De São Paulo” [Portugal] um mo[nu]mento teológico sob o signo da verdade histórica que cala a estupidez meramente dogmática e aberrante das igrejas institucionalizadas.

São Paulo / Buenos Aires / Genève, 2007.

Participaram da mesa-redonda na Web: Mário G. de Castro, João Barcellos, Elen R. Cédron, Marta Novaes e Mariana d’Almeida y Piñon, que secretariou e fez a sinopse.

1 “Fábulas de Fedro Em Forma De Soneto”, livro de M. Branco de Matos, publicado coletivamente pela Edicon, o Grupo Granja e a TN Comunic [São Paulo, Brasil] com o Centro de Estudos do Humanismo Crítico [Guimarães/Pt], 2006.

2 In “Manuel Reis: o Mestre e o Filósofo da Palavra que Liberta”. Palestra na web: TN Comunic, junho 2007, acerca do livro “Traição de São Paulo”.

3 “Um Mo[nu]mento Teológico Sob O Signo Da Verdade Histórica”. Nas orlas da edição brasileira e da portuguesa.

Obs: o livro está disponível no Brasil através da TN Comunic [terranovacomunic@terra.com.br] e em Portugal através do CEHC [lilian_reis@iol.pt].

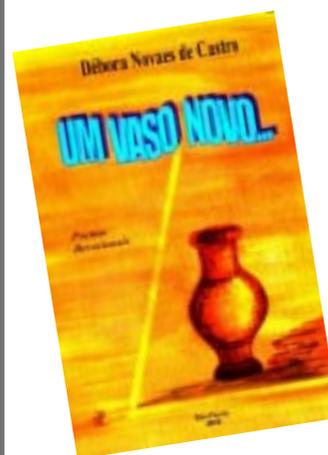
Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - CATAVENTO - AMARELINHA.

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -

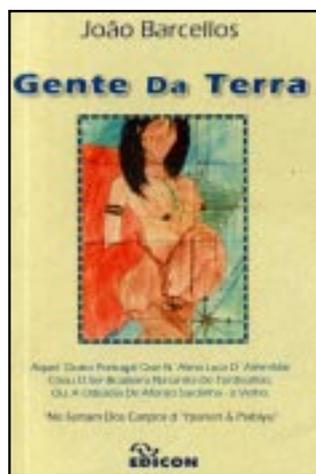
Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Opções de compra: via telefax (11) 5031-5463

Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo Cep 04634-040 -
E-mail: debora_nc@uol.com.br e Site: www.vipworkcultural.com.br

Gente da Terra, romance de João Barcellos, Edicon, 320 páginas. João Barcellos, historiador, crítico, contista, dramaturgo, poeta, jornalista, romancista e editor, atua no Centro de Estudos do Humanismo Crítico de Portugal, Eintritt Frei da Alemanha e no Grupo Granja Interncaional. Segundo Rosemary O'Connor, da Sience and Education Journal, Dublin, Irlanda, "*Gente da Terra* é um romance histórico de João Barcellos, que nos mostra a importância dos lusos e dos luso-paulistas no bandeirar o Brasil nos sertões paulistas." **Edicon:** Rua Herculano de Freitas, 181, São Paulo, SP, 01308-020. Tels: (11) 3255-1002 e 3255-9822. Site: www.edicon.com.br



A Propósito de Neurônios...

Edson Freire

Foi coisa de sábado.

Sábado sim, sábado não, amigos se reunindo. Entre eles, sempre assíduo, o Alcebiades.

Naquela reunião, apareceu esquisito. Ao meu exame, mentalmente atacado. Passos inquietos, excesso nas palavras e sem nexo. Os amigos se entreolhando, espantados. Em todos, perguntas caladas. A reunião truncada, sem condição.

E o homem cada vez mais agitado, agressivo, irreconhecível.

No momento, o atônito grupo precisa agir. Há demora na tomada de decisão. Não será fácil. O homem é o grandalhão no meio dos demais.

A coisa piora, até que surge o mais decidido ou ousado. Improvisada ação acontece: num tamanho esforço, lidando com quase cem quilos verticalmente esticados num metro e oitenta, alguém consegue agarrar a cabeça do Alcebiades. Outros ajudam. O que podem é sacudir a cabeça do descontrolado, até colocá-lo de joelhos.

Calma, silêncio, após a resistência, seguida pela entrega. O Alcebiades, minutos após, fica de pé. Inquiridor, agora consciente, encara cada um dos presentes:

"O que há, o que estão fazendo comigo?"

A resposta foi um bater de palmas.

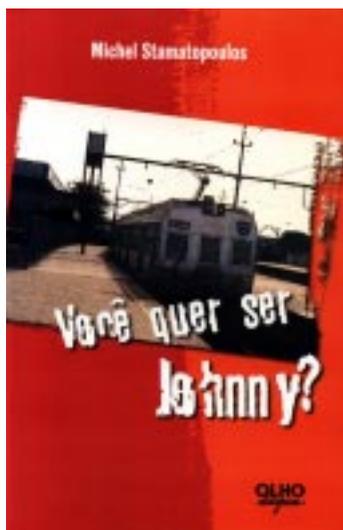
Alívio e alegria no ambiente. A reunião estava salva. No processamento cerebrino, vitimado pela queda no sistema, havia acontecido a conseqüente reação. Após a parada, as conexões estavam restabelecidas.

Pensei, as fortes sacudidas haviam mexido na passageira desordem entre as células nervosas do Alcebiades. O homem perdido, chegado fora de si, estava recuperado.

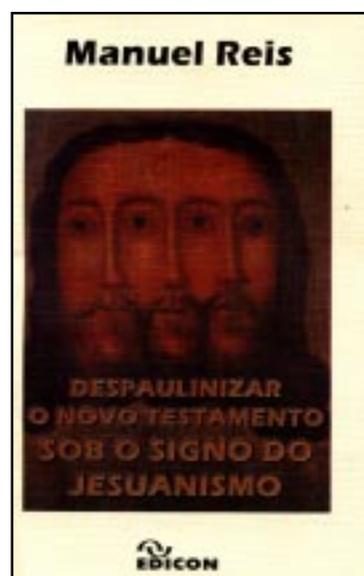
O Alcebiades se apossara, de novo, da própria cabeça. Por dentro dela, os neurônios estavam recolocados, pela ordem, nos seus respectivos lugares!

Edson Freire é escritor e poeta.

Você quer ser Johnny, Michel Stamatopoulos, Editora Olho d'água, São Paulo, SP, 128 páginas. A obra retrata o processo de crescimento de jovens em meio ao início do movimento Punk no ABC paulista, a trajetória de Peixoto, um sujeito até então obcecado por Elvis Presley e James Dean. O título do livro remete à música "Johnny", da banda punk *Garotos Podres*. O autor, pós-graduado em Ciências Jurídicas, mestrando em Direito Ambiental, é advogado e músico baixista do grupo *Garotos Podres*. ISBN: 978-85.7642-012-5. **Editora Olho d'Água:** Rua Dr. Homem de Melo, 1036, São Paulo, SP, 05007-002. Tels.: (11) 3673-9633 e 3673-1287. Site: www.olhodagua.com.br



Despaulinizar o Novo Testamento sob o signo do Jesuanismo, de Manuel Reis, Edicon, São Paulo, SP, 448 páginas. O livro é editado em parceria com o Grupo Granja, Terra Nova Comunic e Centro de Estudos do Humanismo Crítico. O autor é escritor, professor e filósofo português. A obra é um ensaio teológico dividido em três partes: Despaulinizando o novo testamento (em demanda do Jesuanismo), Hermenêutica e Peshet: uma introdução crítica e um painel exemplificativo do novo testamento em várias frentes filosófico-culturais e Dezesseis Epigramas como esteleiro da despaulinização. **Edicon:** Rua Herculano de Freitas, 181 São Paulo, SP, 01308-020. Tels.: (11) 3255-1002 e 3255-9822. Site: www.edicon.com.br



Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa



Assinale a alternativa correta:

- Estou ao par do assunto.
- Ele queria ficar ao par dos acontecimentos.
- O real já esteve a par do dólar.
- Estamos ao par de tudo.
- Pretendiam manter o real ao par do dólar.

Correta: letra E

A par = ciente.

Ao par = em equivalência.

Nossos amigos vieram com nós ou conosco?

Podemos usar com nós, desde que após a expressão apareçam palavras para reforçar a idéia como "próprio" e "mesmo", ou palavra que expresse quantidade, como os numerais. Do contrário, devemos usar "conosco".

Ex: Eles chegaram com nós três.

Eles chegaram conosco.

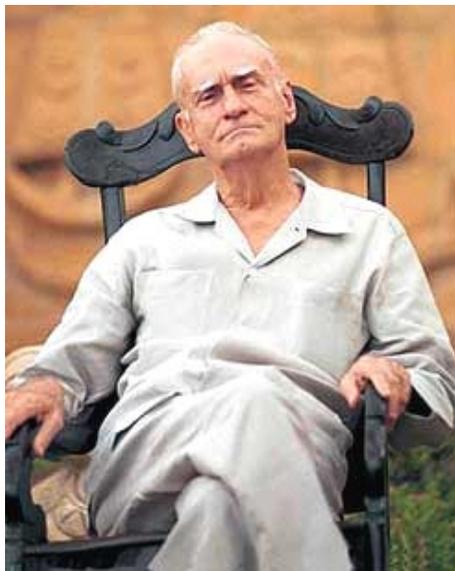
Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em Teatro Infante-Juvenil pela Universidade de São Paulo. E-mail: portsonia@ig.com.br

Moda
Belissima
Com qualidade e elegância

Roupa Européia

Av. São Luís, 218 – 01046-000 – São Paulo – SP
Tels: (11) 3120-5820 - 3258-9105

Notícias



Ariano Suassuna

A Academia Brasileira de Letras prestou homenagem aos 80 anos do escritor Ariano Suassuna com uma mesa redonda, que debateu a importância das obras de Suassuna dentro do universo literário brasileiro. A exposição *Ariano Suassuna - Uma Fotobiografia*, promovida em homenagem ao autor de *O Auto da Compadecida*, acontecerá até 6 de setembro na Galeria Manuel Bandeira, da Academia Brasileira de Letras.

O 35º Encontro Nacional de Editores e Livreiros, promovido pela Associação Nacional de Livrarias, será realizado no Blue Tree Park Paradise Golf & Lake Resort, em Mogi das Cruzes, de 15 a 18 de agosto.

Bruno Tolentino, escritor, poeta, professor e jornalista, faleceu no dia 27 de junho, de falência múltipla de órgãos, no Hospital Emílio Ribas, em São Paulo. Tolentino foi laureado com o *Prêmio Jabuti*, da Câmara Brasileira do Livro, e com o *Prêmio José Ermírio de Moraes*, da Academia Brasileira de Letras, com o livro *As horas de Katharina*.

Manuel Correia de Oliveira Andrade, membro da Academia Pernambucana de Letras e professor emérito da Universidade Federal de Pernambuco, faleceu no dia 21 de junho, na Capital pernambucana. O autor de *A terra e o homem no Nordeste* recebeu os títulos de *Doutor Honoris Causa*, pela Universidade Católica de Pernambuco e pelas Universidades federais do Rio Grande do Norte, de Alagoas e de Sergipe.

Audálio Dantas terá o seu livro *A infância de Maurício de Sousa* distribuído pelo programa "Minha Biblioteca - quem lê vai longe", da Secretaria de Educação de São Paulo.

A 12ª Jornada Nacional de Literatura, que acontecerá em Passo Fundo de 27 a 31 de agosto, terá como tema a "Leitura da Arte & Arte da Leitura". O evento, coordenado por Tania Rösing, é realizado pela Universidade de Passo Fundo e Prefeitura Municipal de Passo Fundo. Informações através do e-mail jornada@upf.br ou no site <http://jornadadeliteratura.upf.br/>

A Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas - Flipporto, que acontecerá de 27 a 30 de setembro, sob a realização do Instituto Maximiano Campos, terá como tema a literatura e a cultura da América Latina e Caribe.

Helio Jaguaribe lançará *Breve ensaio sobre o homem e outros estudos*, em agosto, pela Editora Paz e Terra.

Ana Marly de Oliveira Jacobino promoveu sarau literário enfocando Cornélio Pires e os escritores caipiras paulistas, no dia 17 de julho, no Espaço Livre, na Rua Moraes Barros, 1413, Cidade Alta, em Piracicaba.

Sérgio Vaz lançou *Colecionador de Pedras*, pela Global Editora, através da coleção *Literatura Periférica*.

O Monumento em homenagem ao centenário de nascimento de Solano Trindade, escritor, poeta e artista plástico, foi inaugurado no dia 21 de julho, em Embu das Artes.

O I Seminário de Literatura Latino-Americana do Irã, promovido pelo Centro de Cultura do Irã, que aconteceu em Teerã, no final do mês de maio, contou com a participação dos escritores Alaor Barbosa e Ronaldo Cagiano, convidados para representarem o Brasil.

Minha Biblioteca, programa criado por Zivaldo, foi inaugurado em junho por Gilberto Kassab, prefeito do município de São Paulo, Alexandre Schneider, secretário municipal de Educação, e Rosely Boschini, presidente da Câmara Brasileira do Livro.

Um Kit de Leitura com dois livros, uma maleta e um mundo de histórias e aventuras será distribuído aos alunos de 1ª a 4ª série da rede municipal pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em parceria com a Câmara Brasileira do Livro.

A Editora Pensamento-Cultrix comemorou o centenário de sua fundação, no dia 26 de junho. A editora foi fundada por Antônio Olívio Rodrigues.

Francisco Silva Nobre, Presidente da CONFALB - Confederação das Academias de Letras e Artes do Brasil, faleceu no dia 4 de julho de 2007, na cidade do Rio de Janeiro.

Ferreira Gullar recebeu o Troféu RIO - Personalidade Cultural de 2007, da o TROFÉU RIO da União Brasileira de Escritores/RJ (UBE-RJ), no dia 11 de julho.

O Sarau de Literatura, coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino, acontece mensalmente em Piracicaba. Informações pelo telefone (19) 3433-2406.

O Sarau do Choro, realizado por Danilo Brito, acontecerá no dia 28 de julho, sábado, das 18 às 21 horas, no Espaço Cultural Alberico Rodrigues, Praça Benedito Calixto, 159, Pinheiros, em São Paulo. Tels.: (11) 3064-3920 e 3064-9737. www.espacoalberico.com.br

A Arte de Publicar um Livro - o mercado editorial para pequenas empresas, curso ministrado por João Scortecci e Maria Esther Mendes Perfetti, acontecerá no dia 8 de agosto, das 9h às 13h, na Escola do Livro, Rua Cristino Viana, 91, em São Paulo. Informações pelo telefone: (11) 3069-1300, ramal 129, e-mail: escoladolivro@cbl.org.br

O Centro de Aprendizagem e Monitoramento Profissional Caxingui, ligado ao Rotary Ensino Profissionalizante, disponibiliza uma biblioteca comunitária, que beneficia moradores do bairro Butantã, em São Paulo, na Praça Marcelo Tupinambá, 38. Informações pelo telefone (11) 3721-4670.

O Coojornal (Rio de Janeiro), na edição de 16 a 22 junho 2007, republicou a entrevista que os editores do jornal *Vaia*, Marco Marques e Fernando Ramos Trindade, de Porto alegre (RS), fizeram com Aricy Curvello, disponível no site www.coojornal.com.br

Calimério Soares, professor universitário e maestro, compôs um ciclo de canções baseadas nos poemas de *Vida Fu(n)dida*, de Aricy Curvello. A primeira audição do trabalho acontecerá na XVII Bienal da Música Brasileira Contemporânea, promovida pela FUNARTE, de 21 a 30 de outubro, no Rio de Janeiro.

XXI Salão Nacional de Poesia Psu Poético, coordenado por Aroldo Pereira, que acontecerá de 4 a 12 de outubro, em Montes Claros, Minas Gerais, está com inscrições abertas para os interessados em participar da programação. Informações pelos telefones (38) 3229-3456/3457/3458/8547 e 9112-7011.

José Agrippino de Paula, escritor e cineasta, autor de *PanAmérica*, faleceu no dia 4 de julho, em Embu das Artes, SP, vítima de infarto.

José Castilhos Marques, secretário executivo do Plano Nacional do Livro e da Leitura, participou da *II Acta Internacional de la Lengua Española* realizada em Bogotá, Colômbia, em junho, para apresentar as experiências do Brasil nas políticas públicas para o livro e leitura.

VI Congresso da Associação de Editoras Universitárias da América Latina e Caribe acontecerá de 22 a 24 de agosto, em São José, Costa Rica. Informações com Mario Castillo Méndez pelo telefone (506) 828 1721 ou através do e-mail: mariocastillo@itcr.ac.cr

Conservação e Preservação de Documentos em Arquivos e Bibliotecas, curso ministrado por Vânia M. Carvalho, acontecerá na Escola do Escritor, dia 18 de agosto, das 9 às 17 horas, Rua Dep. Lacerda Franco, 165, em São Paulo. Informações pelo telefone: (11) 3813 8987.

A Biblioteca Mário de Andrade será reformada com um custo estimado em R\$ 13 milhões, através de contrato entre a Prefeitura Municipal de São Paulo e a empresa Concrejato-Tensor. A reforma, com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento, terminará em 18 meses.



Livraria Brandão

Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados. Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646

Fax: (Todos) Ramal 23

oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br